

MOÇARABISMO LINGUÍSTICO AO SUL DO MONDEGO

Num breve artigo publicado em 1908 na *Revista Lusitana* (1), Leite de Vasconcelos, posto perante a ausência de «testemunhos antigos» sobre os idiomas romances usados pelos moçárabes no actual território do Centro e Sul de Portugal, afirmava que o «onomástico e os dialectos populares da Estremadura, Alentejo e Algarve poderão elucidar-nos algo» a seu respeito. A título de exemplo, citava seguidamente um termo alentejano *caivêra* ‘caveira’, que já anteriormente ele mesmo publicara e tentara explicar (2), e uma série de topónimos que poderiam representar sobrevivências do vocabulário tópico anterior à expansão portuguesa — *Defesa* (em vez de *Devesa*, como no Norte), *Beselga*, *Cacela*, *Castro-Verde*, *Fontanas*, *Paderne*, *Roliça*, *Vidigueira* — acrescentando: «Talvez *Mértola* com o seu *-l-*, e *Odiana* com o seu *-n-* [naturalmente também *Fontanas*], sejam documentos da fonética do romance transtagano prè-português».

Poucos anos depois, nas *Lições de Filologia* (cuja 1.^a edição é de 1911), retoma brevemente o mesmo tema no capítulo dedicado à «Origem e evolução da língua portuguesa» (3.^a e 4.^a ed., pp. 16-17) e mais adiante volta a citar *Mértola* e *Odiana* como exemplos de conservação de *-l-* e *-n-* em posição intervocálica em território primitivamente moçárabe (3.^a e 4.^a ed., pp. 268 e 303). A estes nomes acrescentou Menéndez Pidal, nos *Orígenes del español* (§ 90, I, p.432 da 3.^a ed., v. a carta depois de p. 488), os topónimos *Madroneira* no distrito de Beja, *Molino* em Évora, *Fontanela* junto de Sintra (3). Com isto teríamos o limite setentrional mínimo da conservação moçárabe de *-l-*, *-n-* passando ao Norte de Évora e compreendendo ainda Sintra, já para o Norte do Tejo.

Recentemente, em artigo do *Boletim de Filologia* (4), discordando da convicção por mim afirmada de que o Sudoeste da Beira Baixa e os distritos de Santarém e Portalegre devem ter pertencido à área de conservação de *-n-* (5), H. Lüdtke invocou como argumento contrário o topónimo *Madroeira* no distrito de Santarém, citado também por Menéndez Pidal no mesmo passo dos *Orígenes*. Ao argumento (único) de Lüdtke objectei na mesma revista (6) que o «português antigo conhecia ainda, como apelativo, a forma simples *madroa* ‘matrona’», sendo «verosímil pois, — se não provável — que o topónimo seja moderno, da época da Reconquista — como aliás acontece com a maioria do vocabulário tópico não árabe dessa e de outras zonas do Centro e Sul de Portugal».

Ora sucede que dois topónimos postos recentemente em foco por um estudo sobre o acampamento romano de Antanho, publicado pela Faculdade de Letras de Coimbra (7), vêm permitir fazer avançar decididamente mais para o Norte o limite geográfico da conservação moçárabe de *n* e *l* intervocálicos. Os nomes tópicos em questão são *Avenal* e *Malga*.

O primeiro, *Avenal*, é hoje o nome de uma povoação da freguesia de Sèbal Grande no concelho de Condeixa e os documentos mostram-nos, sem sombra de dúvida, que topónimo e povoação coincidem com um pequeno território junto do rio de Cernache, conhecido no século XII como *Avellanale* (sítio das avelãs ou aveleiras) (8). À primeira vista a forma moderna, em comparação com aquela mais antiga, parece apresentar um exemplo de uma evolução perfeitamente insólita: a supressão da geminada *-ll-* ao lado da conservação de *-n-* simples intervocálico. As restantes formas que os documentos nos transmitem provam todavia que não se trata bem disso.

Vejamos quais são essas formas documentalmente transmitidas:

1. *Avellanale* e *Avelanal* — sécs. XII e XIII (9);

2. *Avelaal* — sécs. XII e XIII (10) (deve ler-se certamente *Avelãal*);

3. *Avenanali, Averanal, Avenelar* — uma vez cada uma no séc. XIII (ou começos do XIV quanto à última) (11);

4. *Avenal* — séc. XIII e depois séc. XVII (12) — trata-se, como sabemos, da forma que finalmente prevaleceu.

A primeira forma pode corresponder, e em parte corresponde (como nos documentos de 1159 e 1182 citados na nota 9), a um ‘latinismo’, forma tradicional conservada na linguagem tabeliônica, mas nada impede que possa representar — e as formas seguintes fazem-no supor — uma variante *ainda viva* daquele nome de lugar.

A segunda corresponde à forma setentrional, com tratamento ‘português’ da nasal medial, acaso usada pelos portugueses ao Norte do Mondego, que conheciam a correspondência *Avelãal/Avelanal, Avenal* ou similar, estas como variantes usadas ‘in loco’, e escolhiam a primeira.

As terceiras, finalmente, devem, segundo creio, interpretar-se como formas intermediárias, certamente de uso popular (13), que nos podem mostrar como o nome *Avelanal*, com o *n* intervocálico conservado, através de várias oscilações, chegou até à forma *Avenal*, que, documentada como vimos já desde o séc. XIII, acabou por se fixar no uso geral, prevalecendo sobre todas as outras.

A sequência de sonantes alveolares *l-n-l*, que, pela vizinhança articulatória e acústica dos três fonemas nas duas sílabas seguidas, oferecia dificuldades de realização [ou de identificação], sobretudo desde que se completara a simplificação das geminadas, levando ao enfraquecimento da articulação da primeira líquida, provocou, como se vê, uma série de fenómenos de dissimilação e de metátese, que aquelas formas precisamente documentam: a assimilação *l-n-l > r-n-l* em *Averanal*; a dissimilação *l-n-l > n-n-l* em *Avenanal*; finalmente a dissimilação com metátese *l-n-l > n-l-r* em *Avenelar* (14).

É possível que *Avenanal* esteja directamente na base da forma actual, através de uma pronúncia obscurecida da vogal pretónica *a > e*, semelhante à documentada em *Avenelar*. É possível também que *Avenal* resulte mais rapidamente de uma variante (contemporânea de *Avenanal*, etc.) **Avelenal* ou **Avenelal*, em que a síncope da vogal em posição fraca apressasse a assimilação da líquida à nasal vizinha (seguinte ou precedente), facilitada pelo processo dissimilatório que a opunha à outra líquida, final. Aliás, partindo-se de uma forma **Avenelal*, não documentada mas de cuja existência no uso local dá claro indício a outra variante *Avenelar* (15), o fenómeno assimilatório que suporia a sua transformação em *Avenal* (**Avenlal > *Avennal* — tendo inicialmente a consoante assimilada função silábica) teria perfeito paralelo no topónimo vizinho *Anobra*, que nos documentos mais antigos oferece a forma *Anlubria* (16). Em todo o caso, deve admitir-se que, por um período indeterminado de tempo, mais ou menos prolongado, o nome de lugar em apreço se apresentava na norma linguística local em forma oscilante, que admitia mais de uma realização, até ao momento em que uma das variantes acabou por se generalizar e se impor como forma única. Essa variante foi *Avenal*, em que já se não observava a incómoda sucessão consonântica *l-n-l* (17).

O segundo topónimo, *Malga*, que designa hoje um lugar da freguesia de Cernache, concelho de Coimbra, não longe do Avenal, representa por sua vez um evidente exemplo (bem mais claro) da conservação de um antigo *l* simples intervocálico, sendo as suas formas antigas *Malaga*, documentada nos séculos XII e XIII, e *Malega*, no fim do séc. XIII (18). A segunda forma mostra como a vogal postónica, obscurecida, se aproximava da supressão, realizada na forma actualmente conservada *Malga*.

Parece pois não haver dúvida de que o carácter fortemente moçárabe desta zona, já reconhecido no aspecto histórico, se estendia também à linguagem, que não conheceu o

fenómeno tão tipicamente galego-português da síncope de *-l-* e *-n-* intervocálicos (19). Partindo certamente de Coimbra, definitivamente conquistada em 1064, a «portugalização» linguística terá feito desaparecer rapidamente essas formas idiomáticas primitivas, de que apenas escassos vestígios se conservam na toponímia, a bem pequena distância aliás do foco inovador (20).

De resto, além de outros nomes de lugar, como *Cernache*, *Assafarge*, *Alcabideque*, *Almalaguês*, *Alcouce*, *Bendafé*, que caracterizam pela sua conformação tipicamente moçárabe a zona a que pertencem Malga e Avenal, bem perto de Coimbra também, ao longo do Mondego, um outro topónimo oferece nos documentos antigos formas que, sob diverso aspecto, mostram igualmente vestígio da fonética histórica do antigo falar moçárabe: refiro-me a *Tàveiro*, nome que em documentos de 1087 e 1142 ocorre com a forma *Talaveir*, noutra também de 1142 como *Taaveir* (em 1183 *Talaveiro*) (21), isto é, com a característica apócope de *o* final (22). Neste caso foi a forma «portuguesa» que prevaleceu, suplantando por completo as formas antigas *Talaveir* ou, hibridamente, *Taaveir* — como aliás sucedeu também com o nome de *Sèbal*, topónimo do concelho de Condeixa, na própria vizinhança do Avenal, que, em confronto com as formas atestadas pelos documentos antigos (em 1164 *Sinapalem*, isto é, campo da mostarda) (23), mostra ter sofrido a síncope de *n* intervocálico.

É bem possível aliás que outros vestígios semelhantes se encontrem ainda para o Norte do Mondego, sobretudo naquela área indecisa entre este e o limite do Território Portucalense que só também com o findar do século XI reentra definitivamente no domínio cristão, passando a gravitar em torno de Coimbra e dos seus mosteiros, particularmente o de Santa Cruz. Sem deixar o nome *Avenal*, é fácil verificar que, além do lugar referido, outras localidades ostentam a mesma designação, quer para o Sul (nos concelhos de Alenquer, Bombarral e Caldas da Rainha), quer precisamente para o Norte, encontrando-se um *Avenal* na freguesia de Ul, concelho de Oliveira de Azeméis, portanto entre o Vouga e o Douro, numa zona já abrangida no séc. XI nos limites do Território Portucalense (24). Tratar-se-á também nestes casos de derivados de *abellanale*? Só os documentos (se é que existem) o poderão dizer, mas a hipótese não é evidentemente improvável. Também pode pensar-se em que algum deles seja continuador de *auena*, e de todos os modos teríamos testemunhada uma conservação de *-n-* em território ao Norte do Mondego. Se ainda é possível invocar outra explicação, os etimologistas e principalmente os toponimistas que o digam (25).

NOTAS

- (1) *Romanço mozarábico*, in *Revista Lusitana* 2, pág. 354.
- (2) In *Revista Lusitana* 2, pág. 31. Leite de Vasconcelos supôs que *caivêra* representasse um derivado directo de *calvaria* (independente portanto de *caveira*, esp. *calavera*), com vocalização de *l* preconsonântico em *i* como em *muíto*. Mas a verdade é que de tal vocalização não há um único exemplo, quando a vogal que precede não é o *o* fechado (de *ũ*) que se encontra em *multum*, *cultellum*.
- (3) Derivados do étimo FONTANA com *-n-* conservado, registados pelo *Dicionário de Américo Costa*, são, além de *Fontanares* ou *Fontenares* em Figueira de Castelo Rodrigo, portanto em zona que foi leonesa até ao fim do séc. XIII (L. F. Lindley Cintra não regista este topónimo, mas sim *Fontanitas* no Sabugal, cf. *Toponymie léonaise au Portugal*, in *Cinquième Congrès Intern. de Toponymie et d'Anthroponymie. Actes et Mémoires*, Salamanca, 1958, vol. 2, p. 250 [agora do mesmo autor *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*, Lisboa, 1959, págs. 528-529]: *Fontana* no concelho de Lisboa (freg. do Lumiar); *Fontanas* nos concs. de Évora (freguesia da Sé) e Ferreira do Alentejo; *Fontanal* nos de Sines e Santiago de Cacém; *Fontanais* nos de Odemira e Portel; finalmente *Fontanelas* ou *Fontenelas* duas vezes no conc. de Sintra. — *Beselga*, também invocado, não seria decisivo neste particular, visto a síncope de *i* postónico ser um fenómeno geralmente antigo, posterior à sonorização mas anterior à síncope das laterais intervocálicas. Cp. *pulga* (e semelhantemente, quanto à pretónica, *salgueiro*, *felgueira*).
- (4) *Notas de paleontologia linguística*, in *Boletim de Filologia* 14, pág. 164.
- (5) *Coisas e palavras* (Coimbra, 1953), pág. 156.
- (6) *Comentários às «Notas de paleontologia linguística»*, in *Bol. de Filol.* 15, pág. 338 [reproduzidos nestes *Estudos*].
- (7) *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanhol*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1958 (adiante abreviadamente citado como *Antanhol*).
- (8) A demonstração documental está feita pelo Dr. Salvador Dias Arnaut, que redigiu a parte histórica da importante memória citada na nota anterior (*Antanhol*, 41-42 e notas).
- (9) *Auellanale*, *Auellanal* em dois documentos do *Livro Preto*, à margem de um dos quais se encontra, «em letra porventura do séc. XVII», *Avenal*; e noutro documento de 1164 (*Antanhol*, 41-42 e notas 78, 80 e 83). *Auelanal*: em 1143 (não é todavia absolutamente seguro que se refira ao mesmo lugar ou território, *Antanhol*, 42, nota 80); na epígrafe de dois documentos de 1159 e 1182, que apresentam no texto *Auelaal* (*Antanhol*, 41 e nota 77); em várias ementas do *Liber Anniversarium Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis (Livro das Kalendas)* (2 vols., Coimbra, 1947-48): de 1180 (II, 73), 1183 (I, 184), 1204 (II, 115 - in *Auelanali* uma vez e logo in *Auenal*, de *Auenali*, in *Auenali*), 1228 (I, 159), 1240 (II, 253). (Devo à gentileza do meu amigo e colega Dr. Salvador Arnaut a indicação destes e dos restantes passos do *Livro das Kalendas* que contêm o topónimo em questão.)
- (10) *Auelaal*: no texto dos dois documentos de 1159 e 1182, em cuja epígrafe se encontra *Auelanal* (v. nota anterior); em 1208 e 1233 (*Antanhol*, 41 e nota 77); em ementas do *Livro das Kalendas* de 1232 (II, 233), 1270 (I, 176), 1290 (II, 183) e numa sem data, mas decerto do séc. XIII (II, 16).
- (11) *Auenanali* ementa de 1230 do *Livro das Kal.* (II, 224; emendado para *Auelanali* pelos editores, provavelmente sem razão);
Aueranal ibidem em 1249 (I, 99; em cópia do século XVII *Avenal*);
Auenelar ementa referente à era de 1024 (portanto ao ano de 986 e não 1086 como por lapso se diz em *Antanhol*, 41), mas escrita, segundo me informa o Dr. Salvador Arnaut, no fim do séc. XIII ou começo do XIV (*L. Kal.*, II, 283).
- (12) *Auenal* (*Auenale*, *Auenali*) em 1204 (três vezes na ementa do *L. Kal.* citada na nota anterior, na qual surge uma vez *Auelanali*) e 1213 (*L. Kal.*, II, 238); depois no séc. XVII *Avenal* à

margem do *Livro Preto* (v. nota 9) e na cópia B do *L. Kal.* correspondendo à forma *Aueranal* de A (v. nota II).

(13) A hipótese de um puro lapso de escrita, em cada um dos *três* casos (demasiada coincidência!), não é evidentemente de admitir, tratando-se sobretudo de um topónimo tão próximo de Coimbra, onde se redigia o *Livro das Kalendas*.

(14) A oscilação entre as terminações *-ar* e *-al*, com ou sem dissimilação, revela-se não só na existência de duas formas toponímicas independentes *Avelal* e *Avelar*, mas ainda no facto de ambas poderem ser ou ter sido aplicadas à mesma localidade: assim sucede (segundo o *Dicionário corográfico* de Américo Costa) pelo menos com os lugares chamados *Avelal* ou *Avelar* nos concelhos de Arcos de Valdevez, Felgueiras e Oliveira do Hospital.

(15) Cf. a nota anterior.

(16) A forma mais antiga deste nome é *Anlubria*, conservada no testamento de 1086 que pode ver-se na estampa X de *Antanhol*. Reproduzido este documento no *Livro Preto* (fol. 88 e não 168 como por lapso se indica em *Antanhol*, p. 42, n. 81), manteve o copista a forma *Anlubria*,

que mão posterior (decerto a mesma das anotações marginais) emendou para *Anlobria*, como perfeitamente se vê pela fotocópia que se conserva no Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras de Coimbra (no título do documento poderá estar *Aniobria*, como leu o Dr. Arnaut in *Antanhol* 42, n. 81, mas pode ser também *Anlobria* com um *l* de haste

curta, mal desenhado). — Outras formas do mesmo topónimo recolhidas entre os séculos XI e XIII por Ruy de Azevedo (*História da Expansão* I, 28) e Joaquim da Silveira (*Rev. Lusitana*. 17, 122), são *Anubria*, *Anubria*, *Anovria* e *Anhovra* (esta seguramente de interpretar como *Aniovra*, por *Anovria*).

(17) Não me parece, pelo contrário, que se possa considerar uma outra hipótese: a de que *Avenal* resultasse de *Avelal* (do *Avelaal*, isto é, *Avelãal* antigamente atestado) por dissimilação *l-l* > *n-l*. Em primeiro lugar porque não parece haver outro exemplo em português de tal processo dissimilatório (*nível* entrou do castelhano, provindo aí do catalão ou de um dos idiomas galo-românicos; em todo o caso a dissimilação *livél* > *nivél*, que também naqueles idiomas aparece isolada, não apresenta as mesmas circunstâncias que se encontrariam na suposta evolução *Avelal* > *Avenal*), sendo resultado normal, na dissimilação de duas laterais, a substituição de uma delas por uma vibrante (*l-l* > *l-r* ou *l-l* > *r-l* conforme os casos); em segundo lugar, porque, encontrando-se as duas líquidas na sílaba tónica, uma antes outra depois do centro silábico (*-lál*), seria a primeira e não a segunda que teria condições para prevalecer, sendo, como é, sempre em posição final de sílaba que a articulação de qualquer consoante é mais fraca e sujeita a todos os acidentes. Em suma, o único resultado a esperar de uma dissimilação em *Avelal* seria *Avelar*, idêntico aos vários *Avelares* que se encontram no Norte e Centro de Portugal, da mesma forma aliás por que de **Avenal* resultou o *Avenelar* atrás registado. Aliás a permanência documentada no séc. XIII de formas não sincopadas do topónimo, prova que o actual *Avenal* deve tomar-se como continuação destas é não do *Avelãal* desaparecido.

(18) *Málaga* em documentos de 1112, 1128, 1156, 1157 e 1220, *Malega* num de 1281 (v. *Antanhol*, pags. 34, 36 n. 66, 40 n. 75, e 43 n. 84). Em que relação esteja esta *Málaga-Malga* do território conimbrigense com a *Málaga* andaluza, a antiga *Malaca* fenícia, e outro problema para historiadores e toponimistas.

(19) Mais ao Sul, no concelho de Torres Vedras, um outro topónimo, *Feliteira* (lug. da freg. de Dois Portos), mostra também a conservação do *-l-*. Trata-se naturalmente de continuação do êtimo **FILICTUM* com o suf. *-ARIA*, representado no apelativo *fêiteira*, também topónimo.

(20) Sobre o papel linguístico de Coimbra na Reconquista, v. J. G. Herculano de Carvalho, *Coisas e palavras*, págs. 278-281.

(21) V. *Antanhol*, págs. 43-44 e nota 91.

(22) Cf. Menéndez Pidal, *Orígenes* § 36.5.

(23) V. *Antanhol*, pág. 42 n. 80.

(24) Como aliás se encontra uma *Avenida* no concelho de Ovar (freg. de Pereira Jusã) e uma *Aveneira* no concelho de Arouca (freg. de Santa Eulália). Terá de ficar em suspenso, por falta de

mais elementos, o problema de saber se também neste caso estaremos em presença de continuadores do étimo ABELLANA (paralelos aos vários *Aveledas* e *Aveleiras* correntes na toponímia), isto é, de outros testemunhos da conservação primitiva de *-n-* ao Norte do Vouga.

(25) Também *Avenida* da nota anterior poderia representar um derivado de AUENA, mas não decerto *Avenida*.

Quanto a *Malga*, há hoje duas outras povoações com o mesmo nome: uma no concelho de Sobral de Monte Agraço, outra no de Cabeceiras de Basto (não contando uma *Malgada* no de Santiago de Cacém, possivelmente não relacionado). Quanto ao primeiro, nada impede que seja também descendente de um antigo *Málaga* (encontra-se na mesma zona onde ocorre também hoje um *Avenal*, conc. de Alenquer!) com conservação de *-l-* intervocálico. Quanto ao segundo, situado em plena área primitiva ‘portuguesa’, ou tem outra origem (que pode ser o apelativo *malga*, cf. o top. *Sertã*) ou, o que é muito menos provável, poderá representar um assentamento de povoadores moçárabes emigrados para o Norte, provenientes de alguma *Málaga* cujo nome quiseram perpetuar.

**J. G. Herculano de Carvalho in “Estudos Linguísticos” I
B. N.: L. 34618-19V**